

A NECESSIDADE DE SE ADAPTAR

Aparecido Donisete Alves

Encontrar a perfeição para o armazenamento do conhecimento e a sua viabilidade fazem do ser humano um contínuo explorador e criador de mecanismos que possam diminuir ou sanar por completo esta questão tão complexa e emocionante para todos que trabalham com a informação em toda a sua funcionalidade. Citando alguns pontos básicos, pode-se perceber que houve progressos consideráveis neste âmbito da manutenção da informação, tais como: o aperfeiçoamento das técnicas e dos materiais para restauração e encadernação, mas ainda é baixa a produção destes mecanismos e para piorar a situação, os países em desenvolvimento não têm condições para arcar com o avanço tecnológico e a sua manutenção e a guarda das informações, juntamente com o crescente volume acumulado por todos estes séculos e a velocidade estonteante que necessitam de tratamento adequado para a sua guarda.

“Quem tem conhecimento, tem poder”, essa frase confirma a desigualdade: social, econômica, política, intelectual e educacional que afetam os países que não tem estruturas para competir com os países que produzem equipamentos para o seu conhecimento e dessa forma melhorar a qualidade de vida de seu povo, aumentando o *fosso* de discriminação à outras nações menos desenvolvidas e dominando-as em todos os setores: econômicos, educacionais, acadêmicos e principalmente no aspecto social.

“No Egito, chamavam se as bibliotecas tesouros dos remédios da alma. Com efeito, tratava-se nela a ignorância, a mais perigosa das enfermidades e origem das demais”.(Bossuet).

As bibliotecas sempre foram chamadas de guardiãs do conhecimento e coube a elas, além do correto armazenamento e da manutenção e preservação, disseminá-lo corretamente a todos os seus usuários

reais ou potenciais. Felizmente está se mudando gradativamente a imagem de que as bibliotecas devem ser ‘depósitos’ de livros e os bibliotecários e os profissionais da informação meros funcionários de uma instituição e que os sistemas de classificação, os catálogos e outros serviços de referência são confusos e desatualizados.

No início da década de 80, com o avanço da tecnologia em todos os setores da sociedade ficou claramente visível que o cenário deveria ser modificado criando uma nova mentalidade à todos os profissionais da informação e em todos os campos: arquivistas, bibliotecários, museólogos e outros não específicos, ensinando-os que o profissional não é só um empregado, mas sim um educador e como tal foi qualificado para esta nova missão, tornando responsável para com seus usuários e todos que trabalham com ele e conscientizador e ético para consigo mesmo e para com os outros, considerando que a informação se tornou vital para a sobrevivência do profissional. Neste aspecto o tratamento que era dado aos usuários e suas necessidades foram questionadas e algumas transformações ocorreram desde a sua teorização até a

sua prática diária levantando algumas questões salutaras, pois se não existir um acolhimento dos profissionais para com os usuários ou uma má vontade em ajudá-los na sua busca, isso não só será prejudicial ao usuário que se deslocou até a biblioteca e não conseguiu sanar os seus anseios, mas toda a nação, pois: *“Foi no silêncio das bibliotecas que nasceram todas as grandes vocações intelectuais.”* (Pe. Euclides da Cunha) e dessa maneira, pode-se destruir o nascimento de vários: Albert Camus, Albert Einstein, Thomas Edison e Paulo Freire e outros grandes pensadores. A criação das bibliotecas não foi apenas para só o armazenamento de documentos, mas para a interação com quem busca o conhecimento e o recria diariamente.

Desta forma o papel que todos os centros de informação: bibliotecas, centros de documentação, museus, internet, bibliotecas com suporte físico ou não as informações e suas singularidades que não deva acatar nenhuma ordem que danifique seu total aperfeiçoamento e os seus trabalhos internos e externos e os produtos que eles disponibilizam para os seus usuários e que todos os profissionais da informação sejam educadores e

conscientizadores na sua função e sujeitos as mudanças globais e locais sem esquecer de sua formação humana. Infelizmente, para se tentar modificar a consciência de todos os governantes dos países desenvolvidos para que eles respeitem as situações dos países em desenvolvimento e os auxiliem em seu crescimento completo não só é uma tarefa dos profissionais da informação, mas de todos os cidadãos do mundo e talvez se encontrem as respostas para mais indagações em torno desta situação.

REFERÊNCIA

FARIA, Euclides. **O livro**. São Paulo: Fundação para o Livro Escolar, 1982. p.19-20.

APARECIDO DONISETE ALVES

Aluno do 3º ano do Curso de Ciência da
Informação com
Habilitação em Biblioteconomia
da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Aceito para publicação em: 30/11/2003